

PERTENCIMENTOS, NACIONALISMOS E TENSÕES CULTURAIS EM *UM RIO IMITA O RENO*, DE VIANNA MOOG

Viviane da Silva Vieira¹

RESUMO: O objetivo do presente estudo é discutir as tensões culturais presentes no romance *Um rio imita o Reno*, publicado em 1939, por Clodomir Vianna Moog. A partir da leitura do livro, serão consideradas as experiências e os acontecimentos vividos e narrados pelo protagonista, Geraldo. Baseando-se na recepção crítica coetânea ao romance, assim como nos desdobramentos do contexto sociopolítico dos anos finais da década de 1930, procurar-se-á examinar conceitos problematizados na obra, tais como o pertencimento étnico e cultural presente na colônia fictícia representada e o acirramento dos nacionalismos (tanto o germânico como o brasileiro). Dessa forma, o romance será considerado não como reflexo de um contexto histórico, mas sim como parte de uma poética cultural ao qual seu autor estava inserido (TEIXEIRA, 1998, 2006). Estudos como os de Aquino (2007), Bueno (2006) e Weber (2013) serão considerados uma vez que debruçaram sob o romance. Textos como os de Seyferth (1999) e Seitenfus (2003) oferecem subsídios para o estudo à medida que contribuem para a composição da análise literária.

Palavras-chave: *Um rio imita o Reno*. Estrangeiro. Poética cultural.

BELONGINGS, NATIONALISMS AND CULTURAL TENSIONS IN *UM RIO IMITA O RENO*, BY VIANNA MOOG

ABSTRACT: By means of a careful analysis of the *Um rio imita o Reno*, novel published in 1939 by Clodomir Vianna Moog, the aim of this paper is to discuss the cultural conflicts in the book's plot from the experiences and events experienced by the protagonist, Geraldo. Based on the contemporary critical reception of the novel, as well as from the historical events of the socio-political context of the late 1930s, we will seek to discuss concepts problematized in the work, such as the ethnic and cultural belonging present in the fictitious representation colony, and the representation of nationalism (both Germanic and Brazilian). Thus, the novel will not to be considered as a reflection of a historical context, but as part of a cultural poetic to which its author was inserted (TEIXEIRA, 1998, 2006). Besides, studies such as Aquino (2007), Bueno (2006) and Weber (2013) will be considered once they have focused on the novel analysis. Works such as Seyferth (1999) and Seitenfus (2003) offer subsidies and contribute to the literary analysis.

Keywords: *Um rio imita o Reno*. Foreign. Cultural poetics.

Introdução

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária, na Unicamp. Mestra em Linguagens, mídia e arte (2018-2020) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: vivianeveira.contato@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6173-1091>

O romance *Um rio imita o Reno* foi lançado pela editora rio-grandense Globo e teve a primeira edição de cinco mil exemplares esgotada em apenas três semanas; a segunda, saiu ainda naquele ano e teve tiragem de número semelhante. O sucesso do livro de Vianna Moog estava ligado tanto à história narrada em seu enredo (textos sobre a colonização no sul do país eram ainda inéditos) como aos acontecimentos que, naquele segundo semestre de 1939, abalariam o mundo: o início, em 01 de setembro, da Segunda Guerra Mundial. A boa recepção de *Um rio imita o Reno* tornou-o um destaque de vendas dentre as publicações do ano, levando-o a ganhar, no início de 1940, o Prêmio Graça Aranha como melhor romance publicado de 1939. Ainda em 1940, *Um rio imita o Reno* ganharia mais destaque com a publicação de *Longe do Reno ó Uma resposta a Vianna Moog*, romance de Bayard de Toledo Mércio, que pretendia refutar a existência de germanismos nas colônias do Rio Grande do Sul. A obra de Vianna Moog tanto aborda como problematiza os desdobramentos do contexto sociopolítico dos anos finais da década de 1930; todavia, passados oitenta anos, é uma obra com pouca disseminação nacional, muitas vezes, restrita aos estudos sobre imigração e colonização na região Sul.

Nos meses posteriores à sua publicação, é preciso ressaltar, o romance foi entendido, por alguns críticos do período, como patriótico e como uma denúncia da germanização nas colônias. Acerca disso, pode-se destacar como uma das críticas mais alinhadas a essa interpretação aquela publicada em 30 de dezembro de 1939, na revista *Dom Casmurro*, por Romagueira de Oliveira. Após exaltar os talentos ensaísticos do romancista, expressos já no título da crítica, òO romance de um ensaístaö, e garantir não se tratar de um romance de cego nacionalismo, Oliveira completou: òVianna Moog não publicou um trabalho de ufanismo desenfreado e excessivo. Não! O seu romance veio apenas demonstrar aos brasileiros, são de espírito e de inteligência, os erros que dominam certos elementos inadaptáveis que aqui aportam à procura de alimento [í]ö (OLIVEIRA, 1939, p. 6). Já Wilson Lousada, em texto de fevereiro de 1940, na mesma revista, foi mais sutil do que Oliveira quanto a corroborar o tema central do romance, ao mesmo tempo em que fez críticas mais coerentes à obra e à (rasa) consistência psicológica das personagens, assim como à pouca liberdade que têm para se desenvolverem enquanto figuras sólidas e humanas. Por outro lado, também apontou o caráter ensaístico do livro como um dos aspectos positivos e descreveu a escolha temática, não como uma denúncia, mas sim como uma coerência à ordem das discussões locais e mundiais (LOUSADA, 1940, p. 6).

A primeira colônia de imigrantes alemães no Brasil estabeleceu-se em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, cidade onde nasceu o escritor Clodomir Vianna Moog a 28 de outubro de 1906. Seu pai, Marcos Moog, era funcionário público e, contra a vontade da família descendente de alemães, casou-se com uma professora brasileira, Maria da Glória Fialho Vianna. Na família Moog, germanófila, Clodomir era considerado brasileiro e inclinado ao nacionalismo; enquanto para os Vianna, ele era um alemão. Desse modo, desde a infância Vianna Moog vivenciou em seu contexto familiar a constante dificuldade em se integrar e se identificar com apenas uma das famílias. Em sua tese de doutoramento, Ivânia Campigotto Aquino, ao discorrer sobre a composição familiar de Moog, menciona um relato do romancista, datado dos anos 1970, de que intimamente sempre desejou ser mais *Vianna* do que *Moog*. Para a pesquisadora, o comentário revelaria menos sobre os gostos e escolhas dele e mais sobre sua construção como escritor *que* contava, dentre outras leituras, com as de Gilberto Freyre [de quem era amigo], sociólogo favorável à miscigenação. Nesse sentido, o que ele condena na sua narrativa, o racismo, é fruto de ideias fortalecidas no debate intelectual (AQUINO, 2007, p. 129). Apesar de relatos e confidências feitas por Vianna Moog nas décadas posteriores e do entendimento de que a sociedade da época pareceu ter de sua história, o próprio enredo do livro oferece uma interpretação de que, longe de denunciar desmandos, o autor revelava o racismo em ascensão no período com uma pontada de esperança, sugerida ao final da obra, de uma convivência natural e pacífica proporcionada pelo crescimento da próxima geração, criada sem preconceitos.

Partindo da recepção crítica coetânea ao romance, brevemente delineada, procurar-se-á, no presente artigo, discorrer sobre conceitos problematizados na obra, tais como o pertencimento étnico e cultural presente na colônia fictícia representada e o acirramento dos nacionalismos (tanto o germânico como o brasileiro), considerando, para tanto, o contexto sócio-político dos anos finais da década de 1930. Desse modo, algumas cenas representativas foram selecionadas para constituir esta análise, como a chegada de Geraldo a Blumental, no início do romance, e a nítida sensação de deslocamento e não-pertencimento que o levou a, metaforicamente, pensar que não realizara uma viagem de algumas horas dentro do Brasil, mas chegara a um país estrangeiro; e a ida do protagonista a um *kerb* (festa tradicional germânica), no qual tanto percebeu uma convivência harmoniosa entre brasileiros e teutos, como participou de conversas que o levaram a refletir sobre a estrutura sociocultural da colônia.

Nesses termos, cabe salientar que, atentando-se à natureza ficcional do romance, a narrativa não é considerada por este estudo como reflexo de um contexto histórico, mas sim,

na linha do que afirma Ivan Teixeira, como um texto expressivo de uma época, ou seja, como parte da produção poética de um autor cujo discurso singular deve ser examinado como inserido no discurso coletivo de seu tempo (TEIXEIRA, 1998, p 32). O conceito de poética cultural, norteador deste estudo, com origens no *New Historicism* e nos escritos de Stephen Greenblatt (1989), pressupõe a produção literária não como produto de uma realidade imposta aos artistas para trabalharem com acontecimentos reais, mas sim como uma poética dos fatos que, uma vez presentes no mundo exterior e factual, seriam incorporadas e convertidas em tópicos artísticos (SALLA, 2016; TEIXEIRA, 2006). No mais, a poética cultural não é tomada como um método a ser aplicado e, sim, como uma ideia geral que norteia o conceito de pesquisa e possibilita uma reflexão crítica acerca de *Um rio imita o Reno*.

Pertencimentos e nacionalismos: bem-vindos a Blumental

Apesar da centralidade ocupada pelas personagens de ascendência germânica no romance, em especial, a família Wolff, composta por Herr Paul, Frau Marta, Karl, Lore e Paulinho, a personagem principal de *Um rio imita o Reno* é Geraldo Torres; desse modo, o livro se inicia com sua chegada a Blumental. Apesar da similaridade do nome com Blumenau, uma colônia catarinense, segundo uma negativa do próprio Vianna Moog, não havia nenhuma inspiração ou referência direta entre a Blumental criada ficcionalmente e a cidade do estado vizinho. De acordo com o romancista, a sua Blumental foi construída em uma mistura de São Leopoldo, sua cidade natal, e de Santa Cruz, nas proximidades, com o intuito de que a localidade simbolizasse todas as cidades de imigração germânica do Sul do Brasil (Carta enviada a Mário Savereiga, em 02 mar 1967, apud WEBER, 2013, p. 75).

Um dos críticos a também escrever sobre *Um rio imita o Reno*, Gonçalves de Campos, apontou a criação da colônia como um grande acerto no romance por, realmente, convencer-nos da existência de Blumental. Um segundo ponto apontado por Campos, foi de que o mal estava apresentado de forma tão palpável por aquelas páginas que parecia difícil não acreditar ter ocorrido situações semelhantes com Vianna Moog (CAMPOS, 1940, p. 11). Mesmo Vianna Moog tendo ambientado o livro em uma cidade baseada na qual ele nasceu, não se pode afirmar de que os fatos narrados foram vividos por ele; no mais, são acontecimentos representados a partir da poética dos fatos e das experiências do romancista.

No romance, o protagonista Geraldo chega à cidadezinha de Blumental às três horas em uma sexta-feira de verão. Supersticioso, foi acomodado justamente no quarto de número

13, para o senso comum, o número do azar. Vinte e oito anos, era o engenheiro que assumiria a construção de uma hidráulica na cidade para, assim, extinguir o tifo que adoecia e matava há tempos a população.² Nascido no Amazonas, era filho de um cearense que fez fortuna nos seringais para depois falir por falta de traquejo nos negócios, e de uma indígena descendente de nheengaiabas (povos extintos que teriam habitado a Ilha de Marajó); sua figura morena indicava a ascendência indígena e em tudo destoava do fenótipo típico de Blumental. Composto por 24 capítulos, o livro foi dividido em quatro partes marcadas por uma das estações de um ano. A chegada de Geraldo ocorreu no verão, estação estendida até o oitavo capítulo. O tipo de foco narrativo utilizado é o da seletividade múltipla, porém, toda a primeira parte, o Verão é narrada exclusivamente pelo ponto de vista do protagonista e se dá com a apresentação da colônia e de seus moradores. Nos demais capítulos, há alternância entre o ponto de vista dos moradores da mansão Wolff e o de Geraldo.

Naquele primeiro dia, ao chegar ao hotel, o rapaz foi recepcionado em alemão por um funcionário que correu a chamar o dono; este falava a língua portuguesa, mas com forte sotaque, percebeu Geraldo. Após desfazer as malas, o engenheiro saiu para uma primeira caminhada na companhia do secretário e do promotor de Blumental, duas personagens que dividiam seus dias entre as funções desempenhadas e as bajulações ao prefeito (o major) ou a qualquer outra figura notável que se encontrasse na cidade. Nas ruas, Geraldo espantou-se, de imediato, com a arquitetura das casas: com algumas exceções, eram todas de estilo germânico – algumas quadradas, lisas, outras com o telhado em bico e a janelinha encaixada abaixo do vértice; outras ainda com sacadas de pedra mal entreabertas para a rua (MOOG, 1939, p. 19). Os letreiros dos estabelecimentos comerciais eram escritos em alemão; as senhoras sentadas à porta no fim da tarde cumprimentavam os passantes e conversavam entre elas também em alemão. Pelo promotor e pelo secretário foi colocado a par das primeiras fofocas, sendo informado de que para viver com o mínimo de sucesso ou bem-estar em Blumental era preciso falar a língua, do contrário jamais poderia ascender na cidade: “Ah, filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão come do duro. Se eu não fosse promotor, como advogado passava fome” (MOOG, 1939, p. 20), contaria o promotor. Na verdade, ambos

² O tifo é uma doença transmitida por uma bactéria contraída no consumo de alimentos ou de água contaminada por dejetos de pessoas infectadas. Essa doença, historicamente, causou um grande número de contágios e óbitos no Rio Grande do Sul no início do século XX e, as medidas de saneamento, como a construção de hidráulicas para tratamento de água e esgoto, junto à vacinação, contornaram o problema (RUCKERT; SCHWARTSMANN, 2018). Assim, com a recriação do problema sanitário, no romance, este, seria controlado quando a obra ficasse pronta; do mesmo modo, com a melhoria nas condições de abastecimento de água e no tratamento de esgoto o número de contaminações seria minimizado. Nas cidades sem o abastecimento por uma hidráulica, por exemplo, as pessoas consumiam água de poços que, muitas vezes, era contaminada pelos dejetos de esgoto infiltrados no solo.

sugeriam uma clara dificuldade de prosperar ali para os brasileiros, o que era facilmente contornado pelos descendentes de alemães: “Tinha um sobrinho que trabalhava com eles havia dez anos e não conseguia subir. E no entanto, mal chegava um alemãozinho borrabotas logo lhe davam emprego e aumento pelo Natalö (MOOG, 1939, p. 20), completaria o secretário, quando passaram pelas propriedades comerciais da família Kreutzer, com fortuna equiparável apenas à da Wolff.

Ao retornar ao hotel, sozinho, Geraldo observou a paisagem em um misto de confusão e solidão: “Tinha a impressão de que não fizera uma viagem de sete horas de trem; de que em sua vida se dera uma brusca parada, cujo remate era aquele súbito despertar. Parecia-lhe que tinha cruzado os oceanos e estava longe da pátriaö (MOOG, 1939, p. 26). Nada avistado de sua janela podia remetê-lo às paisagens conhecidas da Amazônia ou às cidades de colonização portuguesa; por isso, estranhava o que via:

Onde estaria? Percorreu novamente os pontos que sua retina acabara de visualizar. Na praça, ranchos loiros de moças passavam aos pares; no quiosque, ao redor das mesas, sob os plátanos, rapazes cobertos de bonés universitários, bebiam descansadamente o seu chope. Pareciam sentir-se ali tão à vontade, como se estivessem num bar de Heidelberg ou em Munich. Geraldo então atentou ainda mais para o quadro, retesando a atenção. Blumental dava-lhe a impressão de uma cidade do Reno extraviada em terra americana. Desde o gótico da igreja, até a dura austeridade das fachadas, tudo nela, à exceção do jardim, era grave, rígido, tedesco.

Os sinos plangeram dentro da noite que se adentrava. Onomatopeia da melancolia. Como se estivesse ouvindo novamente o prelúdio do piano, um tumulto, uma angústia interior agarrava-lhe as entranhas. Geraldo teve vontade de chorar. Sentia saudades do Brasil (MOOG, 1939, p. 26-27).

Da janela, Geraldo via a praça, o prédio da prefeitura ao centro; do lado direito, um quiosque à sombra de um arvoredos; um chafariz rodeado pelos canteiros de flores geometricamente alinhados; ao leste corria o rio dos Sinos tão parecido com o Reno; a igreja protestante, a ponte e o monumento do cais lembravam as construções germânicas. O narrador, como no decorrer de todo o romance, utiliza-se da onisciência seletiva múltipla e ao descrever Blumental faz por meio da visão que Geraldo tinha da paisagem através de sua janela. São as impressões da personagem, descritas em discurso indireto-livre, que procuram convencer o leitor de que a colônia podia ser como qualquer cidade alemã, Heidelberg ou Munique; as pessoas que caminhavam por aquelas ruas, da aparência ao comportamento, poderiam ser qualquer jovem alemão desfrutando de um chope no início da noite. A descrição de Geraldo parte para a construção de estereótipos à medida que diferencia a õrigidez alemão

do que lhe era familiar; na cena, ao chamar atenção para a característica grave, rígida, tedesca do que via, lamenta ser tudo tão organizado e frio a ponto de fazer com que sentisse saudades do Brasil.

Todavia, apesar da sensação de não-pertencimento presente nessa cena, horas antes, ao desfazer as malas, a proximidade de Geraldo com a cultura alemã já despontava a possibilidade da personagem adequar-se rapidamente. Enquanto pensava nas dificuldades que poderiam surgir durante seu trabalho na hidráulica, é a uma passagem de Goethe que a personagem recorre: O engenheiro tirava conclusões: ó pensar é fácil, agir é difícil, mas a vida só pertence aos que sabem unir o pensamento à ação. Tomou o livro de Goethe, onde figurava a passagem que em tempos lhe suscitara o conceito (MOOG, 1939, p. 13). Para Luís Bueno (2006, p. 480), tanto esse momento quanto nos trechos em que Geraldo aprecia a música, a literatura e a filosofia alemã revelam na personagem um impulso para o outro, isto é, uma abertura pessoal ao contato e ao conhecimento de um outro que era a cultura alemã vista de uma perspectiva nacionalista e que, no enredo do romance, ressaltava o absurdo da rejeição sofrida por ele. O deslocamento que encerra o primeiro capítulo perseguirá a personagem em todas as tentativas de se assimilar, pois, apesar de Geraldo ir às festas tradicionais germânicas, se candidatar para sócio no clube ou se apaixonar por Lore, ele continuará a ser rejeitado até, por fim, ser praticamente expulso da cidade. Calcada em atitudes racistas, ajudada pelo filho, Karl, e por Herr Wolff, Frau Marta será a principal opositora à presença do engenheiro.

No mais, o sentimento de Geraldo naquela primeira noite remete ao modo como a estruturação sociocultural de Blumental representava a opinião sobre as colônias em cenário nacional. Dado o processo histórico pelo qual as colônias foram estabelecidas, os brasileiros realmente figuravam um elemento pouco representativo nas regiões de colonização germânica. Quanto às diferenças culturais e sociais produzidas nesse contexto, conforme Giralda Seyferth destacou, não significava que o sentimento de etnicidade alemã fosse mais intenso nas colônias; na realidade, a concentração dos grupos de imigrantes e descendentes naquelas áreas restritas e afastadas do contato com o restante da sociedade brasileira foi utilizada pelo Estado Novo como respaldo para a construção e a condenação de uma imagem do imigrante inassimilável e perigoso para a segurança nacional (SEYFERTH, 1999, p. 202-203).

Quando da sua publicação, *Um rio imita o Reno* foi considerado um romance de incentivo às tentativas do Estado Novo de nacionalizar as colônias, além de denunciador da propagação de ideias nazistas no meio germânico. Polêmico, o livro foi lançado pouco antes

do início da Segunda Guerra Mundial, momento em que o conflito já estava eminente e o nazismo em plena ascensão na Europa (mas também encontrava respaldo na comunidade alemã brasileira, como se pode perceber no romance de Vianna Moog, mesmo que não se configure diretamente nas cenas analisadas no presente texto). A boa repercussão da obra, entretanto, teve certa ajuda das circunstâncias. É preciso destacar que desde o início do Estado Novo, em novembro de 1937, a ideia de uma Campanha de Nacionalização já vinha sendo aventada. No Rio Grande do Sul, em específico, procurava-se nacionalizar o ensino, uma vez que nas escolas, até então, as crianças eram ensinadas majoritariamente em alemão por um professor escolhido na comunidade. Colaborando para o projeto nacionalista, o Secretário Estadual de Educação da época, Coelho de Sousa, autorizou a compra de diversos exemplares de *Um rio imita o Reno* para distribuição nas escolas; mesma escolha fez a secretaria de Santa Catarina. Um outro motivo que notabilizou o romance foi a reação da Embaixada alemã no Brasil ao solicitar a apreensão do livro ao Itamaraty por ser contrária às supostas denúncias feitas pelo romancista sobre a comunidade teuto-brasileira. O livro não foi apreendido, pelo contrário, dado o verdadeiro sucesso e a curiosidade que o enredo despertou, poucas semanas depois, teve uma segunda edição (WEBER, 2013, p. 71-72).

Precisa-se destacar que, historicamente, apesar da boa cooperação mantida entre o Brasil e a Alemanha no decorrer da década de 1930, com diversos acordos firmados entre os países (acordos comerciais, policiais, políticos, diplomáticos e militares), nos anos finais da década, indícios de que a relação com o Reich enfrentava dificuldades já podiam ser percebidos. Mas a crise na diplomacia entre as nações se intensificou apenas no final de 1937, quando uma série de determinações foram colocadas em prática para contornar a questão das minorias. Após o golpe que instaurou o Estado Novo, Vargas também trouxe para o centro das discussões a necessidade da coesão nacional, isto é, a criação de uma nação totalmente integrada (o nacionalismo é, por sinal, um dos princípios ideológicos fundamentais do fascismo europeu, no qual o Estado Novo brasileiro foi buscar inspiração)³. As primeiras medidas colocadas em vigor proibiam os estrangeiros de praticar qualquer atividade de natureza política; de criar ou manter organizações que visassem a propaganda ou a publicidade de ideias ou políticas estrangeiras; de organizar desfiles, passeatas, comícios ou reuniões; de manter jornais, revistas ou conceder qualquer tipo de entrevista ou depoimento à

³ O princípio da *coesão nacional* não pode tolerar a existência de núcleos humanos mal integrados. Torna-se, então, evidente que o objetivo de forjar uma nação, uma cultura e uma língua únicas contrapõe-se às liberdades das quais se beneficiam as colônias estrangeiras estabelecidas no sul do Brasil. Degrada-se rapidamente a relação entre o governo e ditos grupos durante os meses de novembro e dezembro de 1937 provocando reações nos respectivos países de origem (SEITENFUS, 2003, p. 77).

imprensa. A seguir, foi decretada uma regulamentação que definia um sistema de cotas para a entrada de estrangeiros no país; e, ainda, a nacionalização do ensino primário visando a assimilação desde a infância (SEITENFUS, 2003, p. 100-102)⁴.

Até a criação do decreto, cabia exclusivamente aos colonos instalar uma escola, uma vez que a organização das colônias foi feita de forma independente e sem nenhuma ajuda ou assistência governamental para a criação e subsistência de escolas ou hospitais. Dessa forma, as crianças eram educadas por um professor escolhido para ensinar língua e cultura alemã. Com a nacionalização do ensino, conflitos foram criados tanto de forma local, com rejeição da população das colônias à modificação no sistema de ensino, como internacionalmente, com uma sequência de queixas apresentadas pelo então embaixador alemão, Karl Ritter, ao Itamaraty, em dissenso às práticas empregadas pela campanha nacionalista. Em 1939, quando publicou *Um rio imita o Reno*, Vianna Moog não deixou de representar no enredo esses conflitos, como pode ser verificado na conversa mantida entre Geraldo e Alzirinha, a professora da escola pública, durante o *kerb* na colônia rural, Tannenwald. Ao ser questionada pelo rapaz sobre as dificuldades e os desafios encontrados para lecionar, a moça explicou que, por ser a primeira professora enviada à colônia, o grande empecilho para o sucesso do ensino não era os alunos, mas sim o pastor que, resistente à ideia de que as crianças fossem educadas em língua portuguesa, incentivava os pais a não enviarem seus filhos à escola estadual, e sim à municipal para serem ensinados em alemão. O entrave entre ambos, completou a moça, havia se agravado após a recusa de Alzirinha em ceder o horário da manhã para que o pastor ensinasse religião.

Mesmo reconhecendo que o ensino apresentava desafios ó haja vista as crianças serem expostas à língua portuguesa de uma forma que antes não acontecia ó, era a relação com o líder protestante que gerava o principal conflito para a profissão de Alzirinha. A resistência do pastor é explicada no romance como uma prática de interesse antinacionalista, isto é, uma atitude premeditada para prejudicar o ensino e a campanha nacionalista que a professora colocava em prática a serviço do governo. O que ficava subentendido na atitude do pastor era que ele utilizaria as aulas de religião para disseminar o nacional-socialismo entre os alunos (õEm verdade, não queria ensinar religião; a religião fora apenas pretexto para suas propagandas antinacionalistasõ). O interesse õparaleloõ do pastor na insistência pelas aulas de religião representava, inclusive, uma desconfiança histórica que fez a polícia suspeitar de que, devido à influência do protestantismo na comunidade germânica, ocorria a disseminação da

⁴ Respectivamente, Decreto-Lei n. 383, de 18 de abril de 1938; Decreto-Lei n. 406, de 4 de maio de 1938; Decreto-Lei n. 639, de 20 de agosto de 1938; e, Decreto-Lei n. 868, de 18 de novembro de 1938.

ideologia nazista durante as pregações, como apontou Perazzo (1999, p. 54-55) em seu estudo sobre o *õperigo alemãoõ*⁵. À mesa, além de Geraldo e Alzirinha, encontravam-se Armando, Hans, Ruben Tauben (de apelido Fogareiro) e um homem desconhecido (o narrador se refere a sua figura por seu ofício, é chamado de *õ seleiroõ*). É ele quem, ouvindo a narrativa da professora, defende o ponto de vista do pastor quanto à preservação das tradições germânicas. Reproduzindo o que sempre ouviu, nos trinta anos em que morava em Tannenwald, afirmou ser *õem benefício do próprio Brasil que ele procurava manter as tradições germânicas. Os que perdiam contato com essas tradições enfraqueciam, degeneravamõ* (MOOG, 1939, p. 156). A ideia de que a assimilação poderia degenerar os grupos considerados superiores era contrária à miscigenação e embasava as teorias defensoras da existência de raças puras e mais *õavançadasõ*, como a ariana. Essa mentalidade é muito desenvolvida no romance, principalmente, no núcleo familiar dos Wolffs, sendo também um dos argumentos para justificar a proibição a Lore de se relacionar com Geraldo.

Por não compactuar com as ideias de preservação cultural ou étnica, Hans (descendente de alemães e noivo de Alzirinha) apresentava opinião contrária à do seleiro. Para o jovem, aqueles que defendiam a perpetuação das tradições germânicas não procediam em benefício dos colonos, mas sim porque tinham receio de que a colônia se nacionalizasse por completo e, assim, eles perdessem o público sempre influenciado por suas inclinações políticas em prol da Alemanha: *õNo dia em que a colônia se nacionalizar por completo, eles não poderão mais vender os seus jornais e fazer propaganda política, por conta da Alemanha ó volveu Hans Fischerõ* (MOOG, 1939, p. 157). Como em outras passagens do romance, o texto ganha um tom avesso aos teutos alinhados ao nazismo com o comentário de Hans de que estes prejudicavam os comerciantes brasileiros ao *õimpedirõ a entrada dos colonos nos estabelecimentos: (õO dono de uma confeitaria abriu falência e acabou se suicidando, porque os nazistas impediam a entrada de gente da colônia alemã em sua casaõ); a mesma õsabotagemõ acontecia com os jornais de oposição ao nacional-socialismo, continuou Hans, como o *Volksstimme* de Porto Alegre que estava abrindo falência: õPor isso mesmo está lutando com as maiores dificuldades. Tiraram-lhe todos os anúncios por ordem do Reichõ*

⁵ *õA polícia também chegou a articular, sob a ótica da vigilância e da suspeição, a ideia da existência desse perigo. A Polícia de Porto Alegre, em um relatório sobre religião e política nazista, datado de 07 de julho de 1939, expõe a influência da religião protestante entre a comunidade alemã do sul do Brasil, que em suas pregações, disseminava a ideologia nazista, constituindo um veículo dos mais autorizados e eficazes para tal propaganda. Além de a religião unir muito mais os homens em torno de um ideal e ser muito menos efêmera que as plataformas políticas, ela estaria a salvo da ação vigilante da polícia brasileiraõ* (PERAZZO, 1999, p. 54-55).

(MOOG, 1939, p. 157)⁶. Inflamado com a discussão, Hans representava o pensamento de um grupo que não era maioria em Blumental. Se opondo à opinião de que a miscigenação degenerava os povos supostamente superiores, ele era a favor da assimilação, por isso, defendia o casamento com brasileiros e a investida federal pela nacionalização das colônias⁷. Por uma recordação de Lore descobrimos que quando conheceu Alzirinha, Hans estava quase comprometido com uma moça da colônia, relacionamento que agradava seus pais; contudo, tudo mudou quando ele viu a professora, por quem se apaixonou (MOOG, 1939, p. 111).

Não apenas Geraldo era expectador da conversa; interessado no andamento da discussão entre Hans e o seleiro, Armando pergunta como o pastor lidava com os casamentos na colônia, ou seja, se obtinha sucesso em convencer os teutos a se casarem apenas entre eles. Foi Fogareiro quem contou que as õcoloninhasö gostavam de casar com brasileiros por encararem a união como uma ascensão social: assim não precisariam mais trabalhar no campo. Desse comentário podemos depreender a diferença na estruturação social das colônias, pois, enquanto as moças residentes da área urbana e pertencentes às famílias burguesas, como Lore, eram interdidas de se casarem com brasileiros, as que viviam e trabalhavam no campo faziam exatamente o contrário (mesmo com a constante insistência do pastor de que a união fora da comunidade germânica as faria õenfraquecerö ou õdegenerarö).

A família Wolff, como foi informado a Geraldo no início do romance, era dona da fábrica de sandálias e do curtume e, segundo afirmavam seus membros, o velho Wolff, o primeiro a chegar ao Brasil, nunca foi colono, tendo emigrado por motivos políticos e desde o princípio sido um industrial. Factualmente, o perfil dos primeiros imigrantes no princípio, realmente, foi o de agricultores ó o que satisfazia a intenção governamental de colonizar aquelas regiões pouco habitadas ó, mas, a partir de 1848, conforme ressaltou Caroline Luvizotto (2009, p. 19) em seu estudo sobre a cultura gaúcha, os imigrantes já apresentavam

⁶ Um jornal escrito em alemã intitulado *Volksstimme* (Vozes do Povo, em tradução livre) existiu no Rio Grande do Sul e circulou entre junho de 1930 e abril de 1939.

⁷ Acerca da existência de grupos nas colônias que apresentavam opiniões díspares quanto ao projeto nacionalista, Seitenfus destacou: õA colônia alemã não se apresenta de forma monolítica. Três grupos distinguem-se em sua composição; o primeiro deles deseja a incorporação imediata à nacionalidade brasileira, pois suas condições de assimilação fazem com que ele já ignore a língua de origem. Um segundo grupo é formado pelos *tradicionalistas* e representa a maioria da colônia, que mantêm vivos a língua, as artes e os hábitos germânicos. São católicos e protestantes que, por motivos de ordem espiritual, não têm atração pelas ideias nacional-socialistas. Enfim, o terceiro grupo ó o mais restrito numericamente, no entanto, o mais ativo ó mantêm contatos estreitos com as autoridades diplomáticas, políticas e partidárias alemãs no Brasil, aderiu às ideias nacional-socialistas e, segundo Coelho de Souza, pode ser considerado uma 5ª colunaö (SEITENFUS, 2003, p. 102-103). Desse modo, Hans e õas coloninhasö podem ser identificados como pertencentes ao primeiro grupo; os Wolff, a família alemã central do romance, poderia ser considerada do segundo grupo, mas por sua inclinação às ideias do nacional-socialismo, também poderia pertencer ao terceiro. Apesar das insinuações feitas na narrativa de que os Wolff compactuavam com as diretrizes do Partido, não fica claro se algum dos membros exercia qualquer atividade política em benefício do NSDAP. Uma discussão chega a ser abordada pelo dr. Stahl sobre a incongruência da família ser cristã e simpática ao nacional-socialismo está presente no capítulo 12 do romance.

um novo perfil, sendo, em grande parte, artesãos, assalariados urbanos e rurais que, por serem também exilados políticos, social-democratas e anarquistas alemães, deixaram a Alemanha.

Mas o que ainda ficava subentendido no comentário de Fogareiro era uma reprodução do senso comum de que, ao contrário dos teutos, os brasileiros não realizavam tarefas agrícolas; o processo de chegada e estabelecimento de colonos já contribuía para o estereótipo de que os brasileiros não eram inclinados ao trabalho duro nas plantações. Desse modo, o trabalho no campo era uma atividade considerada õde colonoö. Nessa conjuntura, é rica para a interpretação do romance a característica apontada por Seyferth (1999) de que a colonização alemã foi construída como um símbolo étnico que exaltava as virtudes do õtrabalho alemãoö e do õespírito pioneiroö dos imigrantes, a partir de um õdiscurso etnocêntrico ao qual não faltaram referências raciais, em especial no confronto com o õoutroö mais próximo do colono, o brasileiro rural, chamado de caboclo, em sentido pejorativo, denotando suposições de inferioridade étnicaö (SEYFERTH, 1999, p. 203-204).

Com a proibição do tráfico de escravizados, em 1850, e com a Abolição, em 1888, os imigrantes se tornaram uma via para contornar o problema da mão de obra, ao mesmo tempo que cumpriam o projeto de, no futuro, contribuir para o branqueamento completo da população. A própria condição de estrangeiro, aliás, já os associava diretamente àquele que trabalhava, pois, mesmo o trabalho tendo sido, por séculos, tarefa exclusiva dos escravizados, a figura do mestiço como malandro não inclinado ao trabalho manual, intensificada na década de 1930, persistia como marca do preconceito que os associava à vagabundagem e ao descaso pelo serviço braçal.⁸

No romance, os colonos realmente são apontados como trabalhadores braçais, interpretação que sobressai a partir do comentário de Fogareiro. Apesar do desejo no casamento indicar um fato decorrente da estrutura social na área rural ó e um meio de se desvencilhar dele ó, revelava também uma inclinação ao processo de assimilação que, na área urbana, só parecia viável dentre as classes menos abastadas. No meio urbano e industrial de Blumental, entre a classe operária, o casamento interétnico não era causa de nenhum empecilho social, como observa Geraldo ao caminhar pelo bairro operário e se atentar da constituição familiar õHavia ali casais curiosos; teutos e alemães casados com cabrochas; alemãs repolhudas casadas com morenos e mestiçosö (MOOG, 1939, p. 30); mas era entre as

⁸ Em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*, Lília Schwarcz aponta como o malandro passou à figura síntese do mestiço e como, no decorrer das décadas, a visão negativa precisou ser reformulada, seja por meio das canções que passaram a exaltar o malandro como aquele que já começava a gostar do trabalho e das responsabilidades, ou nos anos 1940, após a criação da personagem do Zé Carioca por Walt Disney (SCHWARCZ, 1998, p. 198-201).

famílias burguesas. Desse modo, as interdições aos casamentos estavam, primordialmente, calcadas nas classes sociais. Enquanto no campo a assimilação era vista como uma forma de ascender e abandonar um trabalho pesado, na cidade era impensável para moças como Lore, pertencentes à burguesia local e cuja família era dona de vasta fortuna.

O *kerb*, apesar de ser uma comemoração tipicamente germânica, conseguia mostrar a harmonia com que teutos e brasileiros poderiam viver. Assim, poderíamos afirmar que, de forma geral, os moradores de Tannenwald viviam em maior comunhão com os brasileiros do que os de Blumental, estes mais apegados à ideia de preservação dos valores tradicionais germânicos e em clara recusa à aculturação. A assimilação na colônia rural pode ser notada desde a presença de brasileiros na festa, à composição dos pares, à seleção das músicas (além das melodias germânicas, toca uma marchinha brasileira, *ÕO teu cabelo não negaõ*) e aos pratos servidos (no cardápio há um prato de origem na culinária portuguesa e muito famoso no Brasil: galinha ao molho pardo)⁹. Geraldo deixou Tannenwald com uma boa opinião sobre os colonos, impressão que não conseguia ter sobre os concidadãos de Blumental. Para Bueno, essa seria justamente a mensagem transmitida pelo romance, uma vez que oferecia e propunha não uma ameaça direta aos alemães, mas sim a possibilidade de uma integração baseada na harmonia, como pode ser verificado durante *kerb*. Para o autor de *Uma história do romance de 30*, ão capítulo do *kerb* o que o leitor tem diante de si é a narração de uma possibilidade de integração, sem que ninguém tenha que abrir mão de nadaõ (BUENO, 2006, p. 484). De fato, este capítulo do romance parece se alinhar à expectativa de uma eminente integração ao aproximar o discurso do romance dos difundidos na década e que consideravam a miscigenação e a aculturação como uma perspectiva do futuro, além de conferir um ponto de vista idealizado à questão étnico-racial no país.

Considerações finais

Recriando uma colônia alemã do sul do Brasil, *Um rio imita o Reno* representa conflitos e discussões que, à época da publicação do romance, estavam alinhados à ordem e às tensões mundiais e nacionais, uma vez que aborda temas polêmicos da década, como as políticas nacionalistas do Estado Novo, o nazismo, o antissemitismo e a eugenia. Historicamente, a chegada dos primeiros colonos alemães no Brasil visava, além do encorajamento à agricultura e ao povoamento das regiões mais afastadas, o branqueamento da

⁹ A marchinha tocada é *ÕO teu cabelo não negaõ*, composta pelos irmãos pernambucanos João e Raul Valença, em 1929.

população. Mas com as tensões que marcaram a década de 1930, a não-assimilação à sociedade brasileira e a defesa da preservação da cultura germânica, passou a ser entendida por intelectuais e governantes nacionalistas como uma ameaça à segurança nacional. As medidas empregadas pelo governo ditatorial, mesmo antes da declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo (o que só aconteceria em 1942, após o ataque a Pearl Harbor, com o alinhamento declarado aos estadunidenses), tomam palco das discussões nas páginas do romance.

Na sociedade brasileira, o nacionalismo ganhou força durante a década, principalmente, quando os governantes começaram a apontar como as décadas anteriores, de incentivo à imigração, pouco havia contribuído para o branqueamento da população. De elementos desejáveis, ao serem taxados de inassimiláveis, os estrangeiros passaram a indesejáveis; a integração antes vista como natural passou a ser considerada como uma necessidade eminente para a preservação da integridade nacional.

A literatura produzida nos anos 1930 foi reconhecida pela crítica e historiografia literária como produtora de textos sobre cenários antes considerados desconhecidos ou pouco conhecido dos principais centros culturais e sociais brasileiros. Com a produção atomizada de romancistas de todo o país, para usar as palavras de Bueno (2006), muito se soube sobre a vida nos engenhos, nas zonas de cacau, nos sertões, mas também nas colônias. Escrito em um período crucial para a história do país, *Um rio imita o Reno* aborda um cenário antes inédito e é lido, criticado e premiado por seu tema, pelo manejo do romancista em lidar com ensaístas à sua ficção.

A análise desenvolvida neste texto, apesar de ser breve e ter considerado um número limitado de cenas representativas no romance, possibilitou alguns apontamentos. No decorrer dos anos, *Um rio imita o Reno* acabou ficando à margem do cânone, apesar de ter sido continuamente reeditado. O quase total alheamento da obra nos principais estudos de literatura brasileira pode advir, ainda, do enredo datado a um determinado período sociocultural. Se fosse preciso delimitar cronologicamente o romance, por exemplo, poder-se-ia supor que o tempo do enredo decorre entre 1938 e o primeiro semestre de 1939, ou seja, logo após as primeiras medidas nacionalistas empregadas pelo Estado Novo (o que pode ser deduzido também a partir da informação de que Alzirinha era a primeira professora brasileira enviada à colônia, logo, pouco tempo após o início da campanha).

Outro ponto relevante é a polêmica relacionada ao romance como um livro-denúncia do nazismo nas colônias. Como mencionado, essa foi a interpretação predominante da crítica contemporânea, circunstância favorecida pelo cenário político-social. Críticos como Campos

(1940), chegaram a supor que o autor não apenas denunciava fatos que conhecia, mas também experiências vividas por ele. Oliveira (1939) diferenciava os brasileiros dos elementos inadaptable das colônias, em franco discurso xenofóbico. Décadas depois, Bueno apontaria outra direção: Vianna Moog mostrava o racismo com grande esperança de, no futuro, vencida as barreiras daquela sociedade contaminada pelo preconceito, brasileiros e teutos pudessem viver em perfeita harmonia. A esperança está em Paulinho Wolff, elemento da próxima geração, o futuro de Blumental.

Guardada as devidas particularidades próprias da ficção, o romance possui sim uma forte influência ensaística, com cenas em que a discussão de teorias ou temas próximos à publicação sobressaem na narrativa. As personagens parecem ocupar papéis de oposição ou de defesa a determinado ponto de vista; enquanto brasileiro, Geraldo se inclina à defesa da nacionalização à medida que o processo de expulsão e de rejeição sofrido por ele se intensifica. O rapaz apreciador da cultura germânica, ao final do romance, só deseja esquecer, recomeçar longe dali. Se Vianna Moog vivenciou ou assistiu a situações semelhantes não se sabe, quiçá chega a ser irrelevante para a interpretação de sua obra, da poética da cultura recriada por ele.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, I. C. *A representação do imigrante alemão no romance sul-rio-grandense: A Divina Pastora, Frida Meyer, Um rio imita o Reno, O tempo e o vento e A ferro e fogo*. 300f. Tese (Doutorado em Literaturas Brasileiras, Portuguesa e Luso-Africanas) ó Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007.
- BUENO, L. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- CAMPOS, G. de. *Um rio imita o Reno. Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 140, 9 mar. 1940. p. 11.
- GREENBLATT, S. Towards a Poetics of Culture. In: VEESER, H. A. (Org.). *The New Historicism*. London: Routledge, 1989. p. 1-14.
- LOUSADA, W. de A. *Um rio imita o Reno. Dom casmurro*, Rio de Janeiro, n. 137, 17 fev. 1940. p. 6.
- LUVIZOTTO, C. K. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- MOOG, C. V. *Um rio imita o Reno*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1939.

OLIVEIRA, R. O romance de um ensaísta. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, n. 131, 30 dez. 1939, p. 6.

PERAZZO, P. F. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

RUCKERT, F. Q; SCHWARTSMANN, L. B. A febre tifoide no Rio Grande do Sul da Primeira República: uma doença com história. In: *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 57-75, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/download/26913/17773>. Acesso em 10 abr. 2020.

SALLA, T. M. *Graciliano Ramos e a cultura política: mediação editorial e construção do sentido*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2016.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, L. M. (Orgs.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1998, p. 174-244.

SEITENFUS, R. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri, SP: Manole, 3. ed. 2003.

SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 199-228.

TEIXEIRA, I. New Historicism. In: *Cult*, n. 17, dez. 1998, p. 32-35.

TEIXEIRA, I. Poética cultural: literatura & história. In: *Politeia*, Hist. e Soc., Vitória da Conquista, BA, v. 6, n. 1, 2006. p. 31-56.

VIEIRA, V. S. *Representações do estrangeiro no romance brasileiro de 1930: literatura, cultura e política*. 257f. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) ó Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, 2020.

WEBER, P. C. *Representações da integração cultural das comunidades de origem alemã no Rio Grande do Sul do Estado Novo: um estudo das obras Um rio imita o Reno e Longe do Reno*. 140f. Dissertação (Mestrado) ó Universidade de Caxias do Sul, RS, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2013.

Recebido em: 02 de novembro de 2020.

Aprovado em: 07 de março de 2021.